



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA.**

**SILVANEY DA SILVA BARROS**

**AGROECOLOGIA NO P.A AMIGOS DA TERRA – DARCIÓPOLIS-TO: UMA  
ALTERNATIVA PARA A PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO ASSENTAMENTO**

**Araguaína, TO**

**2022**

**Sivaney da Silva Barros**

**Agroecologia no P.A Amigos da Terra – Darcinópolis – TO: uma alternativa para a  
permanência dos jovens no assentamento**

TCC foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Geografia para obtenção do título de licenciatura em geografia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Professor Dr. Alberto Pereira Lopes

**Araguaína, TO**

**2022**

## DADOS DE CATALOGAÇÃO

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

---

- B277 a Barros, Silvaney Silva.  
AGROECOLOGIA NO P A AMIGOS DA TERRA – DARCINÓPOLIS –  
TO: UMA ALTERNATIVA PARA PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO  
ASSENTAMENTO . / Silvaney Silva Barros. – Araguaína, TO, 2022.  
36 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Araguaína - Curso de Geografia, 2022.  
Orientador: Alberto Pereira Lopes  
1. Assentamento. 2. Migrações de jovens. 3. Cidade. 4. Agroecologia. I.  
Titulo

**CDD 910**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

SILVANEY DA SILVA BARROS

AGROECOLOGIA NO P.A AMIGOS DA TERRA – DARCINÓPOLIS – TO: UMA  
ALTERNATIVA PARA A PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO ASSENTAMENTO

TCC – Trabalho de Conclusão do Curso foi avaliada e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Geografia para obtenção do título de licenciatura em geografia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: **29/06/2022**

Banca examinadora

Alberto Pereira Lopes

---

Prof. Dr. Alberto Pereira Lopes, UFT - Orientador

Delismar Palmeira Costa

---

Delismar Palmeira Costa, IFTO - Membro

Dedico esse TCC aos moradores do assentamento Amigos da Terra município de Darcinópolis-TO.

## **AGRADECIMENTOS**

É uma imensa alegria poder está realizando, mas um sonho. Nesse momento tão maravilhoso, expresso a minha gratidão a Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT – Câmpus de Araguaína-TO por ter me oportunizado a realizar esse sonho.

Agradeço ao professor Alberto Pereira Lopes meu orientador pela paciência e dedicação em me orientar, agradeço a cada um dos professores por compartilhar e repassar seus conhecimentos durante o curso, esses conhecimentos contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica.

Agradeço meus tios João, Manoel, Francisco Eloia e Maria Francilda, meus primos Carlinha, Carlos Eduardo e Leane por ter me apoiado e me acolhido em suas casas enquanto estudavam na universidade.

Agradeço a meus pais Valdemar Barros e Santana Barros, por estar sempre me apoiando e incentivando em meus estudos.

Agradeço os meus irmãos Silvany Barros e Ivoney Barros pelo companheirismo, o apoio e incentivo que têm me dado durante os estudos.

A minha gratidão também a todos meus amigos da turma 2018.2 do curso de geografia e todos que conheci durante esse tempo que estive estudando na universidade, os mesmos me incentivaram a chegar até aqui, foi um privilégio conhecer a cada um deles.

Agradeço também ao professor Sidinei Esteves, a Domingas, por ter me apoiado e me incentivado a estudar na UFT e a todos meus amigos e familiares que contribuiu significativamente para a realização desse sonho.

## **RESUMO**

A seguinte pesquisa tem como finalidade o estudo de caso sobre as migrações de jovens do assentamento Amigos da Terra para a cidade, mediante a falta de políticas públicas e infraestrutura no assentamento. O objetivo deste trabalho é compreender a importância da agroecologia para conter a saída dos jovens do Assentamento amigos da terra para a cidade bem como as consequências que essas migrações trarão futuramente para o campesinato. A metodologia foi elaborada a partir de revisões bibliográficas de diversos autores e das entrevistas coletadas com os agricultores familiares do assentamento. Após a coleta das informações das entrevistas e das revisões bibliográficas, fizemos uma discussão sobre as migrações dos jovens do campo para a cidade diante as dificuldades encontradas pelos camponeses para permanecer no assentamento. Portanto, para dirimir a evasão desses jovens surge como alternativa a agroecologia como estratégia de desenvolvimento rural como produção, educação, saúde e bem-estar social. É nesta perspectiva, que abordamos a nossa pesquisa.

**Palavras-chaves:** Assentamento; Migrações de jovens; Cidade; Agroecologia.

## RESUMEN

La siguiente investigación tiene como objetivo estudiar un caso sobre las migraciones de jóvenes del asentamiento Amigos da Terra para la ciudad, debido a la falta de políticas públicas e infraestructura en el asentamiento. El objetivo de este trabajo es comprender la importancia de la agroecología para contener la salida de jóvenes del Asentamiento Amigable con la Tierra hacia la ciudad, así como las consecuencias que estas migraciones traerán en el futuro al campesinado. La metodología se elaboró a partir de revisiones bibliográficas de varios autores y de entrevistas recolectadas con los agricultores familiares del asentamiento. Después de recopilar información de entrevistas y revisiones bibliográficas, discutimos las migraciones de jóvenes del campo a la ciudad ante las dificultades encontradas por los campesinos para permanecer en el asentamiento. Por lo tanto, para reducir la evasión de estos jóvenes, la agroecología aparece como una alternativa como estrategia de desarrollo rural como la producción, la educación, la salud y el bienestar social. Es desde esta perspectiva que abordamos nuestra investigación.

**Palabras clave:** Asentamiento; Migraciones; Juveniles; Ciudad; Agroecología.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Assentamento Amigos da Terra e do município de Darcinópolis/TO ....	24
Figura 2 – Área de reserva do Vão do Canto Grande/Amigos da Terra/TO .....	25
Figura 3 – Rua Padre Josimo sem calçamento/Assentamento Amigos da Terra/TO .....	27
Figura 4 – Estrada que dá acesso as propriedades da Região da Canto Grande/Amigos da Terra/TO .....	27
Figura 5 – Propriedade desmatada na área do assentamento Amigos da Terra/Darcinópolis/TO .....	28
Figura 6 – Cerrado próximo a Reserva do Vão da Canto Grande .....	28
Figura 7 – Roça de mandioca na propriedade/Zé Fausto .....	30

## **LISTA DE ABREVIACOES**

STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
CPT	Comissão Pastoral da Terra
AGRIFAT	Associação dos Agricultores Familiar do P.A Amigos da Terra
CESTE	Consórcio Estreito Energia Usina Hidrelétrica Estreito
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 MIGRAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO PARA CIDADE: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Dificuldades encontradas pelos camponeses nas cidades e as consequências .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Agroecologia: uma alternativa para a permanência do camponês no campo .....</b>	<b>19</b>
<b>3 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DO ASSENTAMENTO AMIGOS DA TERRA .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Problemas identificados no assentamento Amigos da terra .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 O processo produtivo no assentamento Amigos da Terra .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3 Situação de vida das famílias do assentamento Amigos da Terra atualmente .....</b>	<b>31</b>
<b>3.4 A relação de estudar o campo no processo de ensino aprendizagem em geografia .....</b>	<b>31</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos observa-se um quantitativo significativo de jovens que deixaram o campo para viver nas cidades em busca de melhores condições de vida, fator que traz como consequência o êxodo rural. Ao abordar sobre o êxodo rural no país Hartiwig (2001, p.1) aponta que “nos últimos 50 anos, o êxodo rural cresceu 45,3% no Brasil”. Essas migrações acontecem por causa dos algozes e mazelas que esses camponeses enfrentam no campo podendo ser explicada segundo Valadares et al. (2016, p.60) “pelo histórico de ausência do Estado no campo, pela dificuldade de acesso aos serviços e às políticas públicas, e principalmente pela dificuldade de acesso à terra e à renda”.

A ausência de serviços essenciais no campo, e de políticas públicas que atendam de modo específico os jovens, e a busca de emprego, são os principais fatores que têm levado esses camponeses a deixar de morar nas comunidades rurais para viverem nas cidades. Boas (2017, p.196) ao fazer uma abordagem sobre o campo-cidade destaca que: “O migrante advindo do campo, em geral, possui ínfima qualificação profissional, o que o impele a subempregos ou empregos de baixa remuneração”. Consequentemente esses camponeses ao migrarem para as cidades não conseguem um emprego adequado e são explorados com salários irrisórios e trabalhos irregulares, pois em conformidade com Boas (2017, p.193) “sem remuneração asseverada, sua receita é extremamente baixa e o impele a residir em áreas bastante degradadas, tanto socialmente, quanto fisicamente”. Sem um emprego adequado que lhe ofereça condições financeiras para ter uma vida digna nas cidades, esses camponeses acabam vivendo em áreas periféricas e em situações precárias.

Portanto, para entender melhor essa temática foi realizada um estudo de caso no Assentamento Amigos da Terra localizado no município de Darcinópolis-TO, que desde a sua criação em 1999 muitos jovens deixaram a comunidade para irem morar em cidades em busca de uma boa qualidade de vida. Dentre as justificativas que levam esses jovens a saírem da comunidade, está a falta de infraestrutura que é precária ou até mesmo inexistente e a falta de políticas públicas voltadas para atendê-los. Vale ressaltar que há jovens que saem do campo para morar nas cidades por terem uma ideia distorcida do campo. Valadares et al. (2016, p.60) pondera que “o rural geralmente aparece como símbolo do atraso; a cidade, ao contrário, o lugar do moderno”.

Diante disso, essa pesquisa apresenta um estudo de caso das migrações de jovens do assentamento Amigos da Terra para a cidade, apresentando como alternativa para evitar essas migrações a agroecologia. Para desenvolver esse estudo, primeiramente escolhemos o tema da pesquisa, em seguida, fizemos uma delimitação escolhendo o local para realizar o estudo das migrações do jovem do campo para a cidade, após essa escolha, realizamos uma revisão bibliográfica com diversos autores que discute a temática da pesquisa, em seguida fundamentados em estudos de diversos autores acerca da agroecologia, buscamos apresentar como alternativa para minimizar essas migrações a agroecologia.

Por ser tratar de uma pesquisa qualitativa, realizamos dez (10) entrevistas, sendo que cada questionário era composto por 40 perguntas. É relevante mencionar que o público alvo dessa pesquisa são moradores que vivem no assentamento Amigos da Terra. Para realizarmos a coleta de informações houve a necessidade de nos deslocarmos até a residência de cada entrevistado, ou seja, as entrevistas foram feitas na modalidade presencial e devido à falta de recursos e algumas limitações acerca do quesito financeiro, não foi possível realizar reuniões, fazer gravações de áudio e/ou vídeos.

Depois da realização das entrevistas, das observações, revisões bibliográficas e reflexões encontramos algumas respostas concernentes as indagações mencionadas anteriormente, fizemos um mapeamento de localização do assentamento. A partir disso, começamos a descrever a pesquisa, onde no primeiro capítulo fizemos uma discussão a respeito da migração do jovem do campo para a cidade, apresentando as dificuldades enfrentadas quando saem do assentamento para morar nas cidades. Uma outra questão retratada são as consequências que essas migrações trazem para o campesinato e a cidade, e por último, apontamos a agroecologia como alternativa para conter a evasão no campo.

No segundo capítulo, apresentamos a história da criação do assentamento Amigos da Terra, identificando os problemas relacionados a infraestrutura, a questão ambiental; observamos o funcionamento o processo produtivo do assentamento, além ressaltar como as famílias vivem atualmente e por último fizemos a relação da pesquisa com ensino de geografia.

Dessa maneira, a seguinte pesquisa visou descrever e conhecer a história da comunidade, identificando os principais fatores que levam os jovens a deixarem o assentamento para morar na cidade e apresentando a agroecologia como alternativa sustentável para permanecerem no campo. Um projeto de cunho sustentável e a melhor maneira de resolver problemas sociais no campo, Bergamasco e Norder (1996, p.68) ao afirmar a relevância desses projetos sustentáveis enfatiza que “os assentamentos são [...] considerados como espaços onde

os problemas sociais poderão ser encaminhados de forma sustentável e permanente, com base para um modelo de desenvolvimento rural, mas equitativo”.

Nessa perspectiva, entendemos que os problemas relacionados às questões sociais existentes na comunidade poderão ser resolvidos com enfoque em um desenvolvimento rural sustentável, por isso a importância da agroecologia na comunidade. Para Azevedo e Netto (2015, p.644) a agroecologia tem essa relevância por abarcar “aspectos econômicos, sociais, ambientais, culturais, políticos e éticos”. Em consonância com a citação acima, compreendemos que a mesma tem por finalidade a produtividade, o conhecimento em especificamente do camponês, o uso adequado e preservação dos recursos naturais, a comercialização e consumo de alimentos saudáveis, fatores que proporcionam uma melhor qualidade de vida para as famílias assentadas.

## **2 MIGRAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO PARA CIDADE: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA.**

A saída de jovens do campo para cidades no Brasil tem sido tema de vários estudos ao longo dos anos devidamente pela população rural atingir:

Seu máximo em 1970, com 41 milhões de habitantes. Em 1980, o Censo Demográfico registrou pela primeira vez na história deste século uma diminuição da população rural em números absolutos, fato que tem se repetido ao longo das últimas contagens populacionais decenais e que alimenta as teses sobre o “fim do rural”. (VALADARES et al. 2016, p.63)

O fim do êxodo rural vêm sendo uma das teses bastante discutida ultimamente, principalmente por causa da diminuição da população rural ao longo dos anos. Essa diminuição acontece por causa da saída desses agricultores para a cidade, um fator preocupante que nos levam a refletir sobre os principais fatores que leva esses camponeses de um modo específico os jovens a deixarem seus lugares de origens e assim, distanciando da sua cultura, das amizades, da família e experiências adquiridas. Para pensarmos sobre o lugar como referência cotidiana das famílias que vivem no assentamento com seus aspectos de enraizamento e cultura, Silva (2016, p.20) enfatiza: “O que torna um espaço lugar são as experiências carregadas de sentido, significado, emoção, noção de pertencimento, enraizamento, amizade, simbolismo”.

Com base na afirmação de Silva, entendemos que o local em que esses camponeses vivem, há uma afetividade, uma identidade, uma cultura, um enraizamento, um significado, pois é o lugar em que eles se sentem bem e que desejam construir projetos futuramente. Em relação ao desejo dos jovens no campo Valadares et al. (2016, p.61) afirma que: “grande parte dos jovens de origem rural deseja construir projetos de futuro no campo”. Sendo assim, entendemos que a saída desses camponeses do campo para a cidade está correlacionada a precariedade de infraestrutura e a falta de uma renda nos assentamentos como, por exemplo, a busca por empregos ou oportunidades nas cidades que lhes ofereçam uma perspectiva de vida diferente da vida no campo, busca de qualidade de vida.

Outro fator a ser considerado é a necessidade de estudar, tendo em vista que no campo há uma maior dificuldade de ter acesso à Educação Básica e principalmente acesso ao Ensino Superior, uma realidade que é vivenciada por muitos moradores do campo que desejam construir um futuro promissor através da educação. Desse modo, reconhecemos que políticas

públicas ofertadas, ou/e executadas apenas nas cidades, precisam ser ampliadas para a população do meio rural. Segundo Valadares et al. (2016, p.60) “Quando pequenos aglomerados se beneficiam de políticas públicas, o meio rural não se fortalece em consequência, pois o que resulta desse processo é frequentemente sua ascensão à condição de cidade”.

Tendo em vista que, a concentração dos serviços essenciais, e a implementação de políticas públicas somente nos espaços urbanos, como hospitais, escolas, comércios, praças públicas para recreação e entre outros serviços concentrado nessas regiões, resultará em uma infraestrutura precária no campo, levando os jovens a lutarem por melhores condições de vida para poderem permanecer nos assentamentos rurais. De acordo com Valadares et al. (2016, p.61) para que os mesmos continuem no campo “precisam lutar por condições objetivas que garantam sua permanência e pelo acesso a direitos básicos de cidadãos. Quando não saem vitoriosos desta luta, não lhes restam alternativas, senão migrar para as cidades”.

Ao lutar pelos direitos básicos de cidadãos, esses jovens objetivam continuar no campo, entretanto, quando não atendem suas expectativas, são sujeitos a deixarem o seu lugar de origem para ir em busca de uma melhor qualidade de vida nas cidades, deixando assim uma cultura herdada e conhecimentos adquiridos no campo para se adaptar a uma nova realidade na cidade.

Em consonância com Santos (2013, p.3) “a mudança no modo de vida imposta por uma transformação que vem de fora faz com que grupos tradicionais tenham, ao longo do tempo, que abandonar os seus saberes em troca de saberes de uma nova forma de vida”. Pensando a partir da afirmação de Santos essa nova realidade exigirá desses jovens saberes essenciais para viver nas cidades.

Essa influência pode provocar uma espécie de genocídio da cultura tradicional, com a morte em pouco tempo de valores seculares e a condenação dessas pessoas à falta de lugar, pois elas deixam de pertencer ao seu lugar original e também não conseguem se adaptar completamente ao novo modo de vida urbana. (SANTOS. 2013, p.2)

Deixar o assentamento Amigos da Terra por causa da falta de infraestrutura, em especificamente de espaço de recreações e a falta de oportunidades, para ir em busca de uma vida digna nas cidades, tem sido desafiador para os jovens da comunidade, especificamente por serem sujeitos a sair de um lugar que tem um significado de vida para eles, pois é, o local em que muitos nasceram, cresceram, fizeram amizades, onde a família está próxima, lugar que serve de abrigo, que tem uma cultura, além de experiências e conhecimentos adquiridos.

Nesse sentido, os jovens quando saem da comunidade para morar nas cidades para ir em busca de melhorias, são obrigados a se adaptar a uma nova cultura, a novos conhecimentos,

novas amizades, o que pode ser muito desafiador. Nesse contexto, um número significativo às vezes não consegue se adequar a essa nova realidade, não conseguem um emprego, não conseguem ter uma renda na cidade, e diante da falta de condições financeiras terminam vivendo em favelas em situações precárias. Boas (2017, p.192-193) ao afirmar sobre a situação desses migrantes quando chega na cidade destaca que o “migrante recém-chegado é desprovido de qualquer meio produtivo, se vê obrigado a vender sua força de trabalho a baixos preços para assegurar sua subsistência. Sua condição de pobreza não se altera, somente seu local de moradia”.

Conforme essa afirmação de Boas (2017), nota-se que mesmo esses camponeses migrando para as cidades trabalharão em empregos com salários baixos, o que não resolverá a sua situação financeira, e por não conseguir êxito em suas expectativas de ter uma vida digna na cidade, acabam se arrependendo de terem saído do campo. No tópico a seguir, falaremos a respeito das dificuldades que esses camponeses encontram nas cidades e das consequências que essas migrações podem gerar no campo e cidade.

## **2.1 Dificuldades encontradas pelos camponeses nas cidades e as consequências**

A migração do campo para a cidade traz como consequência a desagregação das lavouras de subsistência. Que segundo Hoffmann (1980, p.38-39) pode acontecer “quando ocorre expulsão do campo, provocada pelas más condições de vida e/ou atração pelas cidades em virtude de algumas de suas facilidades, do diferencial de renda, além do efeito-demonstração exercido pelo estilo de vida urbano”. Nesse sentido, as dificuldades enfrentadas pelo camponês para se manter no campo, a concentração dos principais serviços ofertados nas cidades, como comércio, hospital, educação, espaços de recreação e comunicação, são fatores que atraem os agricultores familiares a morar na cidade.

A saída desses camponeses dos assentamentos rurais, trará também como consequência o êxodo rural. Hartwig (2001, p.5) ao abordar a respeito desses processos migratórios afirma que: “as consequências sociais decorrentes dos processos migratórios campo-cidade são inquestionáveis quando se observa, dentre outros, a favelização dos centros urbanos e, em contrapartida, o esvaziamento do meio rural”. De acordo com essa afirmação, são diversas as consequências que podem ser geradas com a saída desses agricultores familiares para a cidade. Dentre essas consequências está a apropriação desse território pelos fazendeiros, que

futuramente utilizará esse espaço para plantio de lavouras de soja, milho e eucalipto, causando diversos impactos socioambientais na região.

Essas migrações causam também, um crescimento desenfreado no meio urbano. Para Hartwig (2001, p.6) isso ocorre porque nas cidades: “não comportam essa demanda e os migrantes rurais são geralmente deslocados para as regiões periféricas das cidades”. Além desses migrantes serem deslocados para regiões periféricas, se deparam com outro problema na cidade, que é a falta de emprego, porque com a concentração dessas pessoas na cidade, haverá o aumento do desemprego. Hoffmann (1980, p.37) ao fazer menção sobre a questão do desemprego enfatiza que: “o desemprego aparece quando a população se concentra nas cidades”, isso acontece porque na cidade não há emprego suficiente para todo mundo. Hartwig (2001, p.2) ressalva também que o desemprego é gerado pela: “exploração capitalista intensiva e extensiva da força de trabalho”. Conforme elencado por Hartwig o desemprego acontece diante a exploração capitalista que é desigual e contraditório.

Para Damiani (2004, p.45) os agricultores familiares quando se deslocam para as cidades: “vivem em situação de extrema exploração com salários irrisórios e contratos de trabalhos irregulares”. Isto acontece devido à falta de capacitação, ou seja, a formação que muitos não tem quando vão morar nas cidades, fatores que acabam impedido de conseguirem um emprego, e quando conseguem são submetidos a trabalhar por salários irrisórios. Segundo Oliveira e Marques (2004, p.146) este processo: “abrange desde a vivência da condição de trabalhador que se sujeita a um patrão até, por outro lado, a descoberta da greve e dos movimentos sociais. Na cidade, o indivíduo é mais um em meio à multidão, um João-ninguém que não tem a quem recorrer”.

Como mencionado anteriormente, os camponeses quando vão morar nas cidades, além de não terem a quem recorrer em caso de necessidade financeira, não conseguem um emprego adequado que garantam a sustentabilidade deles e da família. Segundo Damiani (2004, p.45) essa instabilidade financeira ocorre: “quando a família segue com esse trabalho para a cidade, ela se incorpora ao mercado de trabalho, em atividades desqualificadas, e de baixa renumeração, e passa a viver em favelas, cortiços, em submoradias, de modo geral”. Devido a essas más condições de trabalho imposta pelo sistema capitalista, essas famílias não conseguem condições financeiras para comprar terrenos nos centros das cidades, e serão sujeitas a viverem em regiões periféricas em situações sofríveis, especificamente pela falta de infraestrutura e de serviços essenciais que ofereça uma vida digna para as pessoas que vivem nessas regiões.

Tais fatos se contrapõem ao modo de vida camponês sertanejo, marcado pela autonomia do trabalhador e pela existência de uma rede de solidariedade, formada por parentes e vizinhos. O contato com outras realidades e as novas experiências vividas lhe possibilitam mudar o pensamento, tanto pela constatação das dificuldades e violências que cercam a vida urbana, o que implica a valorização do modo de vida camponês, quanto pela descoberta de novas formas de fazer política (OLIVEIRA e MARQUES. 2004, p.146)

Dessa maneira, os camponeses que deixaram o campo para morar na cidade, na perspectiva de ter uma vida digna, e quando chega lá se deparam com um cenário totalmente diferente e pela falta de condições financeiras são sujeitados a viverem uma vida precária em favelas. O camponês que continua no campo e busca alternativas para produzir em suas propriedades, terá autonomia do seu trabalho, viverá em um lugar que se sente bem, próximo da família e dos amigos, além de valorizar os conhecimentos bem como, vivências adquiridas de continuarem inseridos na cultura local.

Portanto, criar políticas públicas para melhoria da infraestrutura no campo, bem como investimentos para que os agricultores possam produzir em suas propriedades com assistência técnica, e apresentar alternativas que contribuam para a melhor qualidade de vida desses produtores rurais e para o desenvolvimento dos assentamentos rurais, será fundamental para a continuação desses agricultores familiares no campesinato. Ao fazer isto, contribuiremos para a minimização das desigualdades sociais, evitando a evasão no campo, o desemprego, a fome e o aumento da violência. Pensando em contribuir para uma melhor qualidade de vida dos produtores rurais do assentamento Amigos da Terra será apresentado no próximo tópico como alternativa viável á agroecologia.

## **2.2 Agroecologia: uma alternativa para a permanência do camponês no campo**

Devido ao crescimento populacional, há uma grande demanda de alimentos no mundo. Diante disso a agricultura com intuito de buscar atender a lucratividade e não resolver os problemas de alimentação, segundo Faria, 2014:

Vem sendo a atividade de maior impacto ambiental nos últimos tempos. O desmatamento; o uso incorreto dos solos; a erosão; a desertificação; a perda da biodiversidade; o assoreamento dos rios; poluições; destruição de mananciais e geração de resíduos são alguns exemplos de problemas frequentemente apontados. (FARIA. 2014, p.101)

Ao mesmo tempo que agricultura patronal objetivam a lucratividade, vêm causando também impactos socioambientais na natureza. Diferentemente da agricultura patronal, a agricultura familiar tem um papel relevante para o meio rural. Ao citar um papel importante da agricultura familiar Guanziroli et al. (2001, p.63) destaca que: “A agricultura familiar é a principal fonte de ocupação da força de trabalho no meio rural brasileiro”. Além da mesma ser a principal fonte da ocupação de trabalho no campo, e primordial também para a produção de alimentos no país. Nesse sentido,

60% dos alimentos consumidos no Brasil são produzidos pela agricultura familiar, segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, além disso, está contribui também para a preservação dos recursos naturais, ao utilizar formas menos agressivas de produção, e para a reprodução socioeconômica e cultural das famílias rurais. (CHELOTTI et al. 2012, p.112)

A agricultura camponesa além de fornecer a maior parte dos alimentos na mesa dos brasileiros, está contribui na preservação dos recursos naturais, trabalhando com práticas menos agressivas ao meio ambiente. Ao ressaltar sobre a agricultura familiar Oliveira e Marques (2004, p.154-155) enfatiza a relevância da mesma para: “o lugar da realização de um presente não ausente, onde a mediação das abstrações concretas é relativizada, dando vez a uma inserção mais imediata das pessoas no mundo da vida. É o lugar da apropriação, do uso e da realização do trabalho não alienado”.

Ao estar inserido na agricultura familiar o camponês tem autonomia, trabalhará para si mesmo, além de contribuir para a minimização dos impactos socioambientais. Porém, apesar da importância que a agricultura familiar traz para a sociedade, em especial para o agricultor, nota-se que um número significativo dessas pessoas que moram no campo não consegue obter uma renda para a sustentabilidade da família. Guanziroli et al. (2001, p.91) ao afirmar sobre a condição financeira das famílias do campo, destaca que: “uma parte das pessoas ocupadas na agricultura familiar não conseguem obter uma renda mínima”.

O agricultor familiar, quando não consegue adquirir o sustento da família trabalhando em sua propriedade, acaba sendo influenciado a buscar emprego nas cidades para poder garantir uma fonte de renda para a sustentabilidade. Para Hartwig (2001, p.6) a população rural migra para a cidade: “em busca de melhor qualidade de vida, ou seja, trabalho, educação, saúde e lazer”. Hartwig, de maneira enfática, mencionam que os principais motivos dessas migrações está atrelada a procura por melhores condições de vida, e sobretudo o emprego nas cidades.

Tendo em vista que, um dos principais motivos que levam os agricultores e principalmente os jovens a saírem do assentamento Amigos da Terra, está correlacionada a

busca de emprego, pelo fato de não conseguirem obter uma renda mínima trabalhando em suas propriedades, apresentaremos como alternativa viável para o assentamento: à agroecologia, que proporcionará, uma fonte de renda para esses agricultores, além de contribuir na preservação da biodiversidade da região.

Tendo uma fonte de renda no assentamento, esses camponeses não precisarão migrar para a cidade em busca de emprego. Conforme Azevedo e Netto (2015, p.644) e o que torna a agroecologia relevante para o campesinato, principalmente pela: “sua multidimensionalidade, indo além dos aspectos tecnológicos ou agronômicos da produção, abarcando aspectos econômicos, sociais, ambientais, culturais, políticos e éticos”. Com esse enfoque social, ambiental, cultural, política e ética que a agroecologia proporciona, podemos compreender, que a implantação da agroecologia na comunidade, contribuirá significativamente para a solução da boa parte dos problemas relacionados às questões ambientais e humanas nessa região.

No quesito às questões humanas, contribuirá para que esses agricultores e os jovens, produzam baseado na mão de obra familiar, evitando despesas com diárias e salários, valorizando assim os conhecimentos que esses agricultores obtêm com relação a plantio, cultivo, etc. e, ao mesmo tempo, ajudará no resgate dos saberes tradicionais, saberes e conhecimentos que era passado de geração a geração, e na valorização da cultura local, além de ter um papel fundamental no melhoramento das comunidades. Aquino et al. (2005, p.42) ao argumentar sobre o papel da agroecologia nas comunidades rurais, enfatiza a importância da mesma para o: “desenvolvimento rural é a participação e a organização dos agricultores”.

Esse desenvolvimento para Aquino et al. (2005, p.106) “pode ser definido como o crescimento econômico [...] acompanhado de uma mudança social e cultural”. Para acontecer uma transformação econômica, social e cultural no campesinato, é necessário que haja uma organização produtiva. Guanzioli et al. (2001, p.200) ao realizar um trabalho de avaliação dos melhores e piores assentamentos destaca que o: “Fator potencializador do desenvolvimento foi a organização produtiva dos assentados, particularmente nos casos em que os beneficiários vinham de uma tradição de semi-assalariamento”. Portanto, organizar os meios de produção para que esses agricultores consigam comercializar seus produtos, e possam atender a demanda de alimentos para a população, auxiliará a obterem uma renda no campo, evitando assim, a migração para a cidade.

Enquanto no quesito às questões ambientais, a agroecologia proporcionará na conscientização dos cuidados com a utilização dos recursos naturais, buscando minimizar os impactos ambientais na natureza, fator que a torna diferente da agricultura moderna. Na agricultura moderna de acordo com Bonilla (1992, p.12) “quem reina e a falta de ética, ou seja,

a exploração, a poluição e a devastação, sendo a lucratividade o único parâmetro válido e o homem endeusado como proprietário de sua escrava natureza”. A agricultura moderna causa diversos problemas sociais e ambientais para a sociedade como a degradação do solo, devastação da natureza, poluição ambiental provocada pela utilização de agrotóxicos, expulsão do camponês pelos latifundiários para a apropriação do território, fator que culminará em conflitos no campo, esses problemas ocasionados pela agricultura moderna acabam transformando o espaço e a paisagem natural.

Enquanto a agroecologia de acordo com Aquino et al. (2005, p.128) “articula o tradicional (com sustentabilidade histórica) ao novo (de natureza ambiental)”. Nesta perspectiva, a mesma contribui para a minimização dos impactos socioambientais, devido conseguir o seu alto nível de produção em uma pequena área, além de manter o solo coberto evitando assim sua degradação, ao não uso de agrotóxicos, utilizam inseticidas naturais e são realizadas plantações consorciadas para evitar as pragas nas lavouras. Em vez de adubos químicos, aproveitam os recursos renováveis e não renováveis encontrados no local, como restos de alimentos, folhagens, estercos de (gado, galinha e porco), e outros detritos que poderão ser utilizados para fazer compostagem para adubação, proporcionando assim a conservação das sementes crioulas, a produção de alimentos saudáveis, a preservação da natureza, e o bem-estar. Dessa maneira:

As estratégias agroecológicas de desenvolvimento rural não podem frisar apenas em aspectos do crescimento econômico, produção e produtividade, mas em alterações que leva a melhores níveis de educação, de saúde e bem-estar, gerando uma maior equidade social e garantindo maior proteção ambiental nos processos produtivos e segurança alimentar, considerando as várias dimensões da sustentabilidade: econômica, social, ambiental, cultural, política e ética. (AZEVEDO e NETTO. 2015, p. 644)

Em conformidade com a citação acima entendemos que ao utilizar a agroecologia como estratégia para o desenvolvimento rural devemos, pensar também nos demais aspectos que engloba a agroecologia, como o respeito a biodiversidade, cultura, saúde, alimentação e uma boa qualidade de vida, fatores relevantes para o campesinato. Portanto, a implantação da agroecologia no assentamento Amigos da Terra contribuirá para minimização dos impactos ambientais no cerrado, mantendo com isso sua paisagem natural, recuperando as áreas degradadas e a recuperação do solo, valorizando os conhecimentos tradicionais, a cultura local e o desenvolvimento do campo sobretudo, os assentamentos rurais, oportunizando os agricultores especificamente os jovens a obter uma renda evitando com isso a migrarem para as cidades.

### 3 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DO ASSENTAMENTO AMIGOS DA TERRA

Os assentamentos rurais surgem devido a diversos fatores sociais presentes na sociedade. Que segundo Bergamasco e Norder. (1996, p.7) “Alimentos. Antes de tudo, a comida que falta. Moradia, terra e trabalho. Educação, cooperativismo. Irrigação, meio ambiente. Cidadania. Justiça e conflito social. Êxodo urbano. Boia-fria, desemprego, invasão de terra. Esperança e fome”. Todas essas questões citadas, levam aos trabalhadores sem-terra a lutarem para a criação de assentamentos cuja finalidade e a minimização do desemprego, das disputas por terra, da fome e dos impactos socioambientais gerados pelo agronegócio.

Ao demarcarem uma determinada propriedade para a criação de assentamentos, as áreas são divididas e distribuídas para os camponeses e servirão como oportunidades para os mesmos terem um abrigo, segurança e uma vida digna no campo. Porém, mesmo ao conquistarem suas terras esses camponeses têm pela frente outro desafio que é a luta por infraestrutura social no campo:

Em diversos casos a conquista da terra não significa que seus ocupantes passem a dispor da necessária infraestrutura social. Assim, após a conquista da terra, inicia-se uma nova luta, agora pela consolidação da posse da terra, pela obtenção de condições econômicas e sociais mais favoráveis ao estabelecimento destes trabalhadores rurais enquanto produtores agrícolas” (BERGAMASCO e NORDER. 1996, p.10)

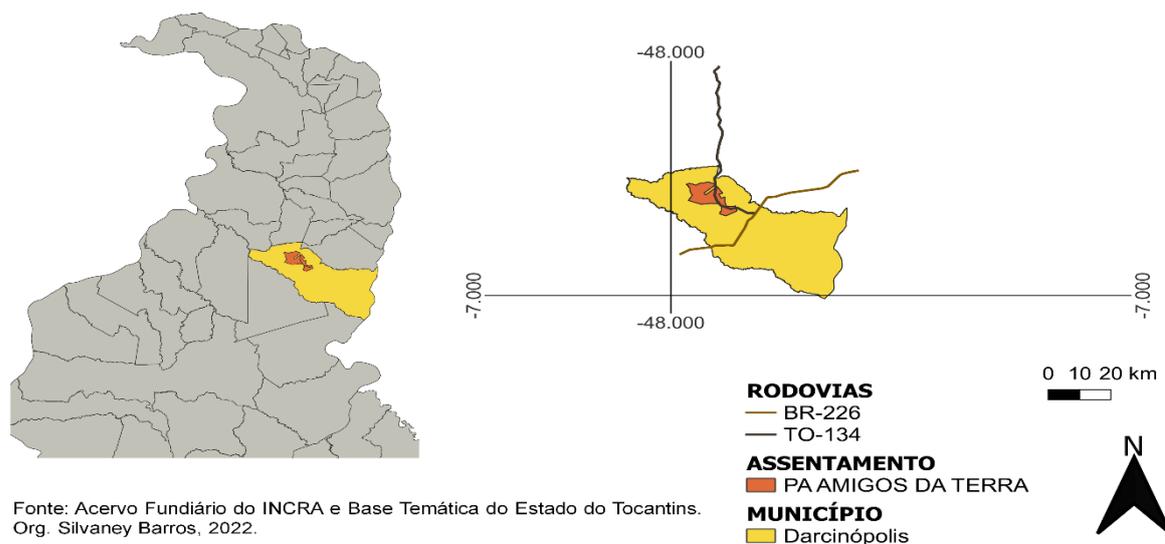
Mesmo diante da conquista da terra esses trabalhadores e principalmente os jovens têm a frente outro desafio que é a falta de infraestrutura como: energia elétrica, escolas, transportes, água tratada, saneamento básico, assistência técnica e a precariedade das estradas nas zonas rurais. Para compreender esse processo de criação dos assentamentos rurais bem como a precariedade em infraestrutura presentes, faremos uma breve descrição da história de criação do assentamento Amigos da Terra. Realizar a descrição do lugar a ser estudado, é de suma importância para o Geógrafo, pois:

O geógrafo, por meio do trabalho de campo, deveria reconhecer e descrever a região, sua origem, formação e evolução reconhecendo sua individualidade, personalidade e singularidade em seus aspectos naturais e sociais, percebendo-a em sua diferenciação das demais. (SILVA. 2016, p.21)

O Assentamento Amigos da Terra, fica localizado no município de Darcinópolis – TO, às margens da TO-134 entre a cidade de Darcinópolis e Angico do Tocantins, conforme a Figura 1.

**Figura 1 - Mapa do assentamento Amigos da Terra e do município de Darcinópolis/TO**

**MUNICÍPIO DE DARCIÓPOLIS-TO: MAPEAMENTO DO ASSENTAMENTO AMIGOS DA TERRA - 2022**



Fonte: BARROS (2022).

A história do assentamento, começou com a iniciativa de um pedido de desapropriação da Fazenda Canto Grande de propriedade da Dra. Joana D'ark Vieira pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Tocantinópolis em 1996, que não tendo êxito, em 1998 se juntou com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) com a tentativa de ocupação da fazenda. Porém, só conseguiram ocupar a fazenda a partir do dia 23 de maio de 1999 após a proprietária da fazenda haver negociado com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A partir desse momento, às famílias organizaram-se e ocuparam a fazenda voluntariamente. Depois disso, juntamente com apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) foi criada a primeira Associação dos Agricultores (as) Familiares do PA Amigos da Terra (AGRIFAT), que devido à divergência de algumas famílias foi criada uma segunda associação denominada Margarida Alves.

Essas famílias quando migraram para o assentamento no início, se depararam com diversas dificuldades, como a falta de água tratada, que por ser uma região de cerrado, e devido no início da criação do assentamento ainda não ter um poço artesiano, as famílias utilizavam água de dois açudes que ficavam a 3 km da agrovila, essa água era usada para afazeres domésticos, para o cozimento de alimentos, tomar banho e até para beber, etc. Outro problema

deparado também foi a falta de uma casa para morar, levando as famílias a viverem em barracas de lona, além da falta de linha telefônica para a comunicação, a falta de escola, energia elétrica e a dificuldade de fazer as roças para a sua subsistência, por causa da falta de recursos financeiros para a mecanização e preparação do solo.

No intuito de solucionar esses problemas mencionados acima, essas famílias juntamente com o INCRA reivindicaram, o cadastramento das famílias da comunidade, de energia elétrica e água para abastecer a agrovila, que após ser aprovado, em agosto de 1999 foi realizado o cadastramento dessas famílias, em 2000 foi perfurado o poço artesiano bem como a energia elétrica na agrovila. Durante esse período houve também, a demarcação de duas áreas comunitária Agrícola de 50 hectare cada, a demarcação de 159 parcelas, das reservas patrimônios e também da própria agrovila.

Após a demarcação, foram assentadas 159 famílias no assentamento, a divisão do assentamento ficou da seguinte maneira: agrovila que fica localizada a margem da TO-134, nela onde foram construídas as casas, em 2001 a prefeitura do município em parceria com o Consórcio Estreito Energia Usina Hidrelétrica Estreito (CESTE) construiu uma escola que atende alunos do 1º ao 5º ano, foi construída também pela associação AGRIFAT em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), uma sala digital e recentemente foi construída pela prefeitura do município um campo de futebol. A outra área dividida foram as reservas da região do Vão Canto Grande apresentando na Figura 2 e Açucareira, as duas reservas são distantes da agrovila. Foi dividido também, as duas áreas comunitárias as duas ficam a margem da TO-134 e próximo a agrovila. E à outra divisão foi das propriedades onde umas ficaram próximas da TO-134 sendo de bom acesso, enquanto outras são distantes o que dificulta o acesso além do percurso que é constituído por estradas precárias.

**Figura 2 – Área de reserva do Vão do Canto Grande/Amigos da Terra/TO**



Fonte: BARROS (2022).

Após ter dividido essas áreas, foi liberado a linha de crédito APOIO e PRONAF “A” para as famílias, em 2003 desenvolveu-se um projeto de reflorestamento financiado pelo (MMA). No entanto, mesmo com esses serviços feitos no assentamento ainda é evidente a precariedade de infraestrutura o que dificulta a qualidade de vida dos jovens e de todos que moram na comunidade, além de problemas ambientais presentes no assentamento. No próximo tópico abordaremos a respeito desses problemas identificados no assentamento.

### **3.1 Problemas identificados no assentamento Amigos da Terra**

São diversos os problemas encontrados nos assentamentos rurais que segundo Guanziroli et al.:

Chama a atenção a precariedade das condições de infraestrutura nos assentamentos rurais, em particular a falta de escolas, a irregularidade do atendimento médico básico, a má conservação de estradas, a inexistência de transporte e de energia elétrica. (GUANZIROLI et al. 2001, p.210)

Concernente a isso, ao observar o assentamento nota-se a falta de uma escola que ofereça as modalidades de Ensino Fundamental II e Ensino Médio para atender alunos da comunidade, pois a única escola que há no assentamento atende somente alunos que cursam o Ensino Fundamental I, ou seja, do 1º ao 5º ano. Desse modo, os alunos que desejam continuar estudando deslocam-se todos os dias para a cidade de Darcinópolis, para poderem concluir os estudos no âmbito da Educação Básica. Os que anseiam cursar um curso técnico ou até mesmo o Ensino Superior, deslocam-se para cidades de Araguaína, Palmas, Porto Nacional, Araguatins, Tocantinópolis e Pedro Afonso para irem em busca de instituições que ofertam respectivas modalidades de ensino.

Ao observarmos a Figura 3, podemos perceber que as ruas da agrovila são desprovidas de calçamentos, as estradas que dão acesso às propriedades do assentamento são bastantes precárias, principalmente durante a época das chuvas. Já na Figura 4, percebe-se também a falta de espaços públicos para a lazer e recreação especialmente para os jovens da comunidade, a falta de saneamento básico, e falta de atendimento médico para camponeses, que para terem acesso à consulta médica precisam deslocar-se para outros municípios. Ou seja, as imagens evidenciam uma realidade lamentável, pois infelizmente o assentamento é destituído de estruturas e serviços básicos e essenciais.

**Figura 3 - Rua Padre Josimo sem calçamento/Assentamento Amigos da Terra/TO**



Fonte: BARROS (2022).

**Figura 4 – Estrada que dá acesso as propriedades da região da Canto Grande/Amigos da Terra/TO**



Fonte: BARROS (2022).

Outro problema notado quando observamos a vegetação do assentamento Amigos da Terra é a expansão do agronegócio em seu entorno, fator que vêm alterando a paisagem natural e causando impactos socioambientais na região do assentamento conforme a Figura 5.

**Figura 5 – Propriedade desmatada na área do assentamento Amigos da Terra/Darcinópolis/TO**



Fonte: BARROS (2022).

Essa expansão acontece devido essa região ter como característica paisagística o cerrado, sendo caracterizado pelo extenso relevo plano, por conter a maior parte de solo arenoso, por ter um clima seco (no verão) e outro úmido (no inverno) e pelas extensas matas secas. Chaveiro e Castilho (2007, p.7) ao fazer uma abordagem sobre o cerrado destaca que: “As matas secas são mais afastadas dos cursos d’águas (córregos e rios) [...] Há uma alta quantidade de árvores frondosas, como o ipê, a aroeira, o pau-d’óleo, etc. Por condições de adaptação, durante a estação seca, boa parte das árvores perde as folhas”.

**Figura 6 - Cerrado próximo a Reserva do Vão da Canto Grande**



Fonte: BARROS (2022).

Desse modo, compreendemos que a maior parte das matas no entorno do assentamento, são consideradas matas secas conforme apresenta a Figura 6, que devido a maior parte das propriedades não conter córrego e nascentes, percebe-se que no inverno às árvores perdem suas folhas, especificamente porque nesse período é uma estação muito seca. Ao analisar esses fatores, percebemos as dificuldades que os camponeses têm para produzir em suas terras, porque para produzir precisam de recursos financeiros para a mecanização do solo, a perfuração de poços artesianos para poderem trabalhar com lavouras irrigadas.

Como é o caso de um dos entrevistados que não quis se identificar, segundo ele “não consegue produzir na sua propriedade por causa da falta de recursos financeiros, é devido à falta de água para trabalhar com lavouras irrigadas”. Diante desses desafios, um número significativo de agricultores, termina vendendo suas terras por um valor irrisório para fazendeiros, por causa das dificuldades encontradas no campo, tanto no quesito a infraestrutura, como na dificuldade em conseguir produzir em suas terras. Que após venderem suas terras para esses fazendeiros, migram para fora do assentamento para irem em busca de emprego.

Damiani (2004, p.45) afirma que: “muitos fazem de forma intermitente: trabalhadores rurais que migram temporariamente para as cidades em busca de trabalho [...] ou que migram temporariamente para zonas rurais [...] para trabalhos temporários”. Ao observar o assentamento Amigos da Terra, é perceptível que a maior parte das famílias que residem em suas propriedades e na agrovila não conseguem obter uma renda mínima nas suas terras, isso acontece devido as diversas dificuldades encontradas para produzir em suas propriedades. Com isso, esses camponeses terminam migrando para as cidades temporariamente na busca de emprego no próprio município ou nas cidades circunvizinhas.

Raimundo Nonato, um dos moradores do assentamento, ao ser perguntado sobre o motivo que levam os jovens a deixar o campo para morar nas cidades, afirma que “a saída deles está relacionada a falta de espaços de recreações, a falta de emprego, a falta de apoio e incentivo para que os mesmos permaneçam no assentamento”. Todos esses problemas identificados na comunidade contribuem para que os agricultores não permaneçam no campo de modo específico os jovens que são sujeitados a deixar o campo.

### **3.2 O processo produtivo no assentamento Amigos da Terra**

Conforme as entrevistas coletadas com os agricultores do assentamento, nota-se que trabalham em roças de toco ou terras mecanizadas. Por causa da região ter a maior parte de solo

arenoso, o que tornam o solo fraco em nutrientes. Um número expressivo de agricultores para produzir precisam mecanizar suas terras, utilizando tratores para arar as áreas a serem plantadas e a cama de frango como adubação. As lavouras trabalhadas pelos camponeses são para a subsistência de sua família, utilizando pequenas áreas da propriedade para cultivar essas lavouras. Enquanto, os que têm a propriedade com solo argiloso trabalham bastante com roças de tocos, utilizando como ferramentas o machado, enxada, a foice e como adubação a cama de frango.

Esses agricultores a fazer suas roças, costuma trabalhar em família, como é o exemplo do seu Zé Fausto que mora na propriedade com a família, segundo ele os produtos cultivados em sua propriedade são: “mandioca, manga, caju, fava, arroz, milho, feijão, limão, cana-de-açúcar, banana e abóbora”. Além de cultivar a terra com essas culturas ver Figura 7, trabalham também com “a criação de galinhas e suínos”. Seus produtos e vendidos em feiras, comércios e de porta em porta.

**Figura 7 - Roça de Mandioca na Propriedade/Zé Fausto**



Fonte: BARROS (2022).

Durante a coleta de informações por intermédio das entrevistas, percebe-se também, uma minoria de agricultores que criam gado em suas parcelas, como é o exemplo do seu Adelson morador do assentamento desde 1999, que juntamente com seu filho preparou uma pequena área de pastagem para a criação de gado. Há outros que optaram em trabalhar na área comunitária, como é o caso da dona Domingas, que optou a trabalhar com hortaliças, porque em sua propriedade não tem um córrego, nascente, e nem um poço artesiano para irrigação e os afazeres domésticos. Assim como a terra da dona Domingas, existem outras propriedades que não tem como trabalhar com lavouras irrigadas. Diante disso, esses agricultores aproveitam os períodos de chuva para trabalharem com lavouras anuais. De acordo com a Dona Nilva “o

período da chuva e a melhor época para plantar arroz, milho, feijão e mandioca na sua propriedade justamente por sua terra não ter água para trabalhar com culturas irrigadas”.

A partir dessas entrevistas, percebemos que as principais culturas trabalhadas por esses agricultores são: o arroz, milho, feijão, mandioca e hortaliças. E como criação: suínos, bovinos e avicultura. Toda a produção tirada da propriedade e para a sua subsistência, que quando excedem são comercializados nas feiras, comércio e de porta em porta.

### **3.3 Situação de vida das famílias do assentamento Amigos da Terra atualmente.**

Ao longo dos anos o assentamento passou por diversas mudanças, social, econômica e estrutural. Essas mudanças têm contribuído significativamente para uma melhor qualidade de vida desses camponeses no assentamento, que segundo Antônio Aires “embora ainda existam diversas dificuldades, houve melhorias no assentamento nos últimos anos”.

Como afirma também, a Dona Domingas moradora do assentamento: “hoje o assentamento tem água, energia, internet, tem as casas construídas pelo INCRA, têm um posto de saúde, um campo de futebol e há uma escola que atende alunos da 1º ao 5º ano, são benfeitorias que melhorou muito a vida das pessoas que residem na comunidade”. Percebe-se, que essa pequena mudança que houve no assentamento, contribuiu significativamente para que esses agricultores tivessem uma vida digna atualmente, diferentemente do início da criação do assentamento que não havia nada relacionado a infraestrutura.

Atualmente após de diversas lutas essas famílias já conseguiram se adaptar na região, uma parte dessas famílias já consegue produzir em suas terras e obter o seu próprio sustento, enquanto outros para obter uma renda para sustentar sua família, precisam sair do assentamento para trabalhar em fazendas, comércios e empresas que têm no município.

### **3.4 A relação de estudar o campo no processo de ensino aprendizagem em geografia.**

Para fazer essa abordagem da migração do campo para a cidade e da agroecologia utilizamos como categoria geográfica, primeiramente a paisagem. Para Silva (2016, p.23) paisagem é entendida: “como unidade visível ou perceptível de uma área”. Essa categoria propiciou a identificar a alteração da paisagem natural do cerrado causado pelos latifundiários e ajudou a perceber os problemas encontrados na comunidade. A segunda categoria utilizada

foi o lugar, que para Silva (2016, p.19) “o sentido de lugar é a espacialidade vivida e percebida dotada de significados positivos e/ou negativos”. A categoria lugar proporcionou a compreender sobre o significado que o assentamento tem para esses camponeses, o lugar onde eles têm o sonho de continuar morando, de construir projetos futuramente, principalmente por estar perto de seus familiares, das amizades, pelo simbolismo que o assentamento tem para eles, especialmente por pertencer a uma cultura.

Com isso, essa pesquisa fez uma abordagem da migração do campo para a cidade, identificando os fatores que levam esses camponeses a saírem do assentamento, bem como apontar as consequências que essas migrações trarão para a cidade e o campo se não forem controladas, apresentando como alternativa para evitar essas migrações e solucionar problemas ambientais e sociais presentes na comunidade, à agroecologia e a criação de políticas públicas para que esses agricultores em especial os jovens do assentamento tenha uma vida digna no campo. Tendo em vista a esses fatores, essa pesquisa contribuirá significativamente para o ensino de geografia. Porque através dessa pesquisa, poderá trabalhar com os alunos questões relacionadas a impactos socioambientais, migrações, meio ambiente, agricultura familiar, êxodo rural e agroecologia.

Para Aquino et al. (2005, p.43) a agroecologia torna-se fundamental para a educação devida ser: “um paradigma emergente que está sendo construído numa parceria de instituição de ensino, pesquisa e desenvolvimento rural de um lado, e as comunidades agrícolas e suas representações de outro”. Essa construção do conhecimento servirá segundo Aquino et al. (2005, p.103) para: “o funcionamento e a dinâmica dos sistemas agrários e resolver a grande quantidade de problemas técnicos-agronômicos”. No intuito de solucionar os problemas causados na natureza pela agricultura patronal, e de contribuir para uma melhor qualidade de vida do agricultor familiar, há necessidade de ser discutida e debatida nas universidades e comunidades rurais. Esta parceria busca encontrar soluções para minimização dos impactos no meio ambiente e torna-a relevante para o ensino de geografia.

Com essa pesquisa, poderá ser trabalhada também, o conceito de lugar levando os alunos a refletir sobre o lugar em que vivem principalmente porque:

Nos livros didáticos, há sugestões de se trabalhar o conceito de lugar, utilizando seus aspectos subjetivos, por meio de textos e músicas que evidenciem os sentimentos do eu lírico por determinado recorte espacial. Mas, é possível também realizar atividades a partir da vivência dos alunos. (SILVA. 2016, p.20)

Além das atividades a ser ministrada nas salas de aula com relação a vivência dos alunos no lugar em que vivem. Esta pesquisa por utilizar o conceito de lugar para compreender a vivência dessas famílias na cidade e no campo, contribuirá na ministração de uma aula de campo para os alunos. Segundo Silva (2016, p25) trabalhar a vivência dos alunos em uma aula de campo: “possibilita a compreensão de fenômenos espaciais”. Portanto, a relação dessa pesquisa com ensino de geografia está, em instigar ao leitor a compreender os fenômenos espaciais por intermédio do conceito de lugar, e demonstrar a relevância do conceito de paisagem para identificar os problemas de infraestrutura e das transformações na natureza decorrente da interferência humana.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi desenvolvida no assentamento Amigos da Terra, teve como enfoque o estudo da migração do jovem do campo para a cidade e a relevância da agroecologia para minimização dessas migrações. Durante a execução da pesquisa, foram encontradas algumas dificuldades relacionadas ao transporte, a falta de recursos financeiros, para se deslocar para o assentamento para a realização da coleta de informações acerca local. Porém, apesar dessas dificuldades e dos percalços, conseguimos alcançar nossos objetivos.

Após concluirmos a pesquisa e aprofundarmos nossos estudos mediante as informações coletadas por meio das entrevistas, compreendemos que a falta de recursos financeiros para preparação do solo, a falta de assistência técnica e a falta de água para irrigação na maioria das propriedades, são os principais motivos de uma boa parte dos agricultores do assentamento não conseguirem produzir em suas terras. Percebemos que os principais produtos produzidos nessa região pelos agricultores, são o feijão, fava, arroz, milho, mandioca e a criação de galinha caipira. Esses produtos são para a sua própria subsistência, e quando excede a produção são comercializados.

Percebemos também, que uma parte das estradas que dão acesso às propriedades estão em situações precárias, enquanto na agrovila, não tem espaços de recreações, não tem uma escola que atenda o Ensino Fundamental e Médio, não tem saneamento básico e muito menos ruas pavimentadas.

Neste sentido, além de pensar na agroecologia como alternativa para solucionar os problemas ambientais e sociais no campo, é importante pensar também, em políticas públicas que ofereça assistência técnica e condições financeiras para que esses camponeses consigam produzir em suas propriedades, políticas públicas para melhoria da infraestrutura no assentamento, como as estradas que dão acesso às propriedades, as ruas da agrovila, a criação de espaços de recreações e construção de uma escola que oferte Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Ao criar e executar políticas públicas que atendam as demandas do assentamento, esses camponeses, certamente terão uma vida mais digna no campo, tendo também condições para produzir em suas terras, evitando/ ou dirimindo a migração deles para a cidade.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Adriana Maria de et al (ed.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília Df: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p. 517
- AZEVEDO, Letícia Fátima de; NETTO, Tatiane Almeida. Agroecologia: o "caminho" para o desenvolvimento rural sustentável no processo de extensão rural. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 19, n. 3, p. 639-645, set./dez. 2015. Revista do centro de ciências naturais e exatas.
- BERGAMASCO, Sônia Maria; NORDER, Luiz Antonio Cabello. **O que são os assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1996. 88 p. Coleção primeiros passos; 301.
- BOAS, Lucas Guedes Vilas. Notas sobre a migração campo-cidade e a monocultura no Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-Goiás, v. 11, n. 1, p. 189-209, abr. 2017. ISSN: 1982-1956. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=migra%c3%a7%c3%a3o+do+campo+para+a+cidade&qsn&sp1&pq=&sc=00&sk=&cvid=04EE8C3FE0D14A41B9D71089EAB7D15A&first=11&FORM=PERE>. Acesso em: 08 jun. 2022.
- BONILLA, José A. **Fundamentos da Agricultura Ecológica: sobrevivência e qualidade de vida**. São Paulo: Nobel S.A, 1992. 260 p. Impresso no Brasil.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício; CASTILHO, Denis. Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico. **Revista Mirante**, Pires do Rio - Go, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2007. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/Artigo\\_-\\_CERRADO.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/Artigo_-_CERRADO.pdf). Acesso em: 29 maio 2022.
- CHELOTTI, Marcelo Cervo et al (org.). **Geografia agrária e diversidades territoriais do campo brasileiro**. Uberlândia Mg: Assis, 2012. 303 p. Impresso no Brasil.
- DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. 8. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004. 107 p. Caminhos da geografia.
- FARIA, Lívia Mara Siqueira. Aspectos gerais da agroecologia no Brasil. **Revista Agrogeoambiental**, Inconfidentes Mg, v. 6, n. 2, p. 101-112, ago. 2014.
- GUANZIROLI, Carlos et al (ed.). **Agricultura familiar e reforma agrária no Século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2001. 284 p.
- HARTWIG, Marisa. **MIGRAÇÃO CAMPO CIDADE: TRAJETÓRIAS DE VIDA, TRABALHO E ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS TRABALHADORES**. 2001. Eixo 1: Contradições e perspectivas da globalização na educação dos trabalhadores. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2001/Marisa%20Hartwig.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2022.
- HOFFMANN, Helga. **Desemprego e subemprego no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática S.A, 1980. 184 p. Ensaio, 24.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino; MARQUES, Marta Inez Medeiros (org.). **O Campo no Século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004. 372 p.

SANTOS, Valesca Camargos dos. Populações Tradicionais Litorâneas: o modo de Vida Caiçara. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 1-6, 2013. Disponível em: <https://www.cozinhafitefat.com.br/wp-content/uploads/2017/04/aqui-4.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

SILVA, Vânia Regina Jorge da. Os conceitos geográficos e sua importância na formação do professor para uma didática escolar. **Revista Digital Simonsen**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 11-30, jun. 2016. Geografia. Disponível em: [www.simonsen.br/revistasimonsen](http://www.simonsen.br/revistasimonsen). Acesso em: 18 maio 2022.

VALADARES, Alexandre Arbex et al. OS SIGNIFICADOS DA PERMANÊNCIA NO CAMPO: VOZES DA JUVENTUDE RURAL ORGANIZADA. In: BRASÍLIA. Enid Rocha Andrade da Silva. Ipea (org.). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Df: Ipea, 2016. Cap. 2. p. 59-78. Disponível em: [https://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/livro\\_dimensoes-IPEA.pdf#page=61v](https://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/livro_dimensoes-IPEA.pdf#page=61v). Acesso em: 18 maio 2022.